Parla!

CÁLICE “CAÇA À LEBRE”

O VINHO NA CULTURA CERIMONIAL JUDAICA

O uso do vinho em cerimônias religiosas inicia com a crença de que certos líquidos conteriam fluidos divinos. O homem primitivo acreditava que ao ingerir esses líquidos ele adquiria parte dos atributos da divindade de sua devoção, da mesma forma como se acreditava que se recebia uma parte das virtudes do inimigo morto ao beber seu sangue e consumir sua carne. Além disso, água e leite eram aceitos nos rituais antigos como símbolos das secreções dos deuses. Por fim, o vinho, simbolizando o sangue do próprio deus, gradualmente ganhou proeminência como bebida cerimonial (KANOF, 1970).

Essa proeminência do vinho explica-se pelo poder inebriante induzido pela bebida, considerado uma forma de acessar poderes divinatórios, aumentar a coragem e aproximar-se da essência divina. Os rituais pastorais do mundo antigo, sempre celebrados com vinho, culminavam com o uso excessivo da bebida e seus efeitos lisérgicos. Alheios aos ritos dos povos vizinhos, os hebreus eram uma exceção. Faziam uso da bebida de forma moderada, evitando o que consideravam exageros idólatras. Além disso, o vinho nunca era consumido no Templo, como parte do serviço religioso, mas despejado nos altares como libação (KANOF, 1970).

Figura 1
MEDALHA DA LIBERTAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL, 1958
Ouro
Nova Iorque: Israel Coins and Medals, Inc. (US)

Figura 2
MOEDA DO ESTADO DE ISRAEL, 1961
Prata
Nova Iorque: Israel Coins and Medals, Inc. (US)

Na antiga Palestina, o vinho não era apenas abundante, mas considerado de excelente qualidade. Relatos dos historiadores romanos Plínio e Plutarco, atestam que o vinho da região era apreciado em toda a bacia do Mediterrâneo. Juntamente com a figueira, a palmeira (Fig.1), a romã e a oliveira (Fig. 2), a videira era um símbolo predominante da agricultura israelita (KANOF, 1970).

A Bíblia é abundante em menções ao uso cerimonial e festivo dessa bebida. A primeira delas, relatada no livro do Gênesis (14:18-19), diz que o rei Melquisedeque partilhou vinho e pão com Abraão. Ainda no Gênesis (27:25), Jacó trouxe vinho para Isaque, seu pai, e este o abençoou. Escritos poéticos do texto religioso também trazem imagens e metáforas sobre o vinho e seus benefícios. De acordo com o salmo 80, Israel é frequentemente associada com a videira que, trazida para a Palestina, formou raízes profundas e prosperou. Também o salmo 128 declara que a esposa de um homem virtuoso é como uma "videira frutífera" (BÍBLIA, 2000, p. 559). No Talmud, a Torá é frequentemente comparada a um bom vinho (KANOF, 1970).

A prática de consumir o vinho como dever religioso iniciou-se no judaísmo a partir da influência do helenismo e desde a destruição do Templo de Jerusalém, tornou-se tradicional em muitas cerimônias. Um ritual muito repetido nessa cultura é a degustação do vinho no começo de uma celebração. O início de todo *Shabat* e de toda festividade judaica envolve o consumo dessa bebida. Pelo ritual da circuncisão, o recém-nascido é iniciado na vida em comunidade ao provar o vinho pela primeira vez, aos oito dias de vida. O matrimônio é santificado quando os noivos dividem um pouco dessa bebida, compartilhando do mesmo cálice (KANOF, 1970).

O CÁLICE "CAÇA À LEBRE" DA COLEÇÃO EVA KLABIN

Sendo o vinho um elemento de extrema importância religiosa, artesãos judeus começaram a empregar sua técnica na produção de cálices cerimoniais, nos quais ele seria servido de acordo com a solenidade de cada ocasião. A Casa Museu Eva Klabin possui uma variada coleção de peças judaicas, que incluem diversos objetos para os serviços religiosos. Destacaremos aqui o cálice "caça à lebre" (Fig. 3), em exibição na Sala Inglesa.

Esta peça era utilizada na cerimônia do *Seder* de *Pessach*. Seu corpo é decorado com diversas filigranas e motivos florais. No centro, observa-se um medalhão decorado com uma paisagem urbana, onde uma lebre repousa deitada. Cada lado dessa cena é decorado com o que parece ser a cabeça de um anjo, que possui rosto de menino e um par de asas saindo de trás dele. A peça também possui uma tampa ornamentada com as mesmas filigranas e motivos florais do corpo. Uma

Figura 3
CÁLICE
Alemanha, c. 1600-1620
Prata fundida e cinzelada
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

pequena haste eleva-se sobre ela, mostrando no alto um guerreiro armado de lança e escudo. Marcas específicas identificam que o cálice foi produzido em Nuremberg, antes de 1630, sem revelar o nome do prateiro. A figura do guerreiro pode indicar o ateliê de Jeremias Ritter, destacado artesão ativo em Nuremberg (MIGLIACCIO, 2007).

A Páscoa judaica (*Pessach*) relembra o período em que os judeus passaram cativos no reino do Egito e sua posterior libertação do cativeiro. O *Seder*, que significa "ordem", é a estrita observância dos rituais que marcam o início das celebrações do *Pessach*. Possui o objetivo didático de recontar a história do Êxodo a partir do texto da *Haggadah* e da exposição dos objetos cerimoniais que fixam na memória os eventos narrados no texto sagrado (KANOF, 1970).

A sequência dos eventos seria marcada pelo acrônimo *Yaknehaz*, as letras iniciais de *Yayin* (vinho), *Kiddush* (bênção), *Ner* (luz, chama), e *Havdalah Z'man* (consagração). O acrônimo teria som semelhante à expressão "jag den Has", que significaria, em alemão, "caça à lebre". A imagem da lebre, portanto, ajudaria na fixação dos eventos do seder (MIGLIACCIO, 2007).

Segundo o especialista Abraham Kanof (1970), cálices para o *Kiddush*, contendo decorações ou alusões ao *Seder*, não existem em grandes quantidades. Como exceção, o autor destaca uma peça que compõe o acervo do Museu Judaico de Nova Iorque, nos EUA. Trata-se de um cálice feito de vidro vermelho, produzido na região da Boêmia, atual República Tcheca, durante o século XIX (Fig. 4). Cortado e polido com muito esmero técnico, contém o trecho inicial de uma passagem da

Figura 4
CÁLICE DE PESSACH
Boêmia (República Tcheca), c. 1850-1875
Vidro soprado
Nova Iorque: Museu Judaico (US)

Figura 5
CÁLICE COM APARIÇÃO DO PROFETA ELIAS PARA A REFEIÇÃO DE SEDER
Áustria, 1840
Prata cinzelada
Jerusalém: Museu de Israel (IL)

Haggadah, *Ha lachmah ania* (este é o pão da aflição), em que se faz referência a um fragmento do Deuteronômio [16:3]. Nesse texto, instrui-se os judeus a comerem pães ázimos, ou sem fermento, durante os sete dias de *Pessach*. Assim traz-se à memória a saída apressada dos israelitas que se encontravam cativos no Egito, e que não tiveram tempo de preparar-se para a jornada até a Terra Prometida (BÍBLIA, 2000).

A ideia de uma restauração nacional, que está por trás da celebração do *Seder* de *Pessach*, é representada pela figura do profeta Elias. Sua figura é usada para decorar diversos textos da *Haggadah*, onde aparece soprando um shofar, instrumento feito com chifres de carneiro, e guiando o Messias até Jerusalém. Em homenagem ao profeta, um cálice especial é colocado à mesa para o *Seder* de *Pessach* (KANOF, 1970).

O Museu de Israel, em Jerusalém, possui diversos cálices com essa temática, entre os quais destaca-se o austríaco, datado de 1840 (Fig. 5). A memória da cidade sagrada é ressaltada a partir do desenho no corpo do objeto, que é decorado com construções antigas. Seriam representações do Templo de Jerusalém e do seu entorno, mas também a ideia da casa judaica como espaço de celebração litúrgica. Logo acima do fuste, uma inscrição em hebraico diz “a benção do vinho”.

OUTROS CÁLICES CERIMONIAIS JUDAICOS

Rabinos mais antigos chamam a atenção para o conceito de *hidur mitzvah*, ou embelezamento. Qualquer tipo de copo, desde que não tenha defeitos, pode ser usado para uma benção ritual como é o *Kiddush*. Entretanto, o uso de cálices cerimoniais, ricamente adornados e de materiais preciosos, acrescentam ao ritual a inventividade do artesão e enfatizam a beleza da santidade da cerimônia. Por outro lado, de forma muito intrínseca, o objeto ritualístico enfatiza também a santidade da beleza (KANOF, 1970).

Não surpreende, portanto, a qualidade técnica e a esmerada decoração que os objetos cerimoniais judaicos trazem para a História da Arte. Um outro cálice cerimonial (Fig. 6) em exposição na CMEK, demonstra o apreço dos artesãos judeus pela iconografia da uva e do vinho. Provavelmente usado para o *Kiddush* do *Shabat* – procedimento composto de uma bênção sobre o vinho e o pão através de uma oração que indica a santidade da ocasião –, o corpo e a tampa fazem parecer um cacho de uvas, que termina em um vaso com flores ricamente decoradas. O fuste da peça alude ao tronco de uma videira, onde se observa a figura de um homem, empunhando um machado, pronto para cortar os ramos. A base é formada por gomos de prata puxada e torcida. O cálice é identificado pela letra N dentro de um círculo, que indicaria sua feitura na cidade de Nuremberg, atual Alemanha, em período anterior a 1637. Há

Figura 6
CÁLICE
Alemanha, c. 1615
Prata fundida e cinzelada
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

também as iniciais H R, que podem ser atribuídas ao prateiro Jeremias Ritter, ativo em Nuremberg entre os anos de 1605/6 e 1646 (MIGLIACCIO, 2007).

Cálices cerimoniais também eram usados pelas chevrah kadisha, ou sociedades sagradas. Essas eram associações de homens piedosos, que estavam ligadas às suas comunidades, e eram responsáveis por executar os ritos funerários de acordo com as tradições da religião judaica. Cálices como o que está em exposição no Museu Judaico de Nova Iorque (Fig. 7) eram usados após o jejum do Sétimo dia do mês de Adar, a data do calendário judaico que marca a morte de Moisés.

Nessa reunião solene, novos membros eram admitidos na sociedade e o membro mais velho servia o vinho aos demais, utilizando um cálice cerimonial. O cálice em questão, feito no século XVII, mede quase 25 centímetros de altura e nele se inscrevem os nomes dos membros da chevrah kadisha da cidade alemã de Worms. Percebe-se ali o nome de Samson Wertheimer, rabino chefe da Hungria e da Morávia, e financista na corte do sacro imperador germânico Leopoldo I (KANOF, 1970).

O pesquisador Abram Kanof destaca um cálice produzido pelo prateiro austro-estadunidense Ilya Schor, feito já no século XX. Vindo de uma família praticante dos rituais judaicos domésticos, Schor fora instigado pelas próprias filhas a produzir um cálice orientado para as mulheres. O resultado foi o cálice “mulher de valor” (Fig. 8).

Figura 7

JOHANN CONRAD WEISS (1660-1758)

Cálice de sociedade sagrada, c. 1711-1712

Prata cinzelada

Nova Iorque: Museu Judaico (US)

De um lado, observa-se uma mulher, ladeada por duas crianças, recitando as preces diante as velas do Shabat. Do outro, um candelabro de sete braços emaranha-se de tal maneira que forma a imagem de uma árvore da vida. A chama que sai da ponta de cada braço do objeto é numerada a partir dos dias da Criação do mundo. Abaixo dele estão mamíferos, pássaros, peixes, frutas, e as figuras de Adão e Eva, todas manifestações da criatividade divina (KANOF, 1970).

Figura 8

ILYA SCHOR (1904-1961)

Cálice de vinho da "mulher de valor", c. séc. XX

Prata cinzelada

Coleção particular

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição contemporânea. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 2000.

KANOF, Abram. *Jewish Ceremonial Art and Religious Observance*. Nova Iorque: Harry N. Abrams, Inc., 1970.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.